

Desenvolvimentismo é isso

Querem, então, que o governo Fernando Henrique adote a linha desenvolvimentista? Pois bem, eis a receita: redução dos juros e responsabilidade fiscal. Ou melhor, responsabilidade fiscal para que os juros sejam baixos. Basta isso, pois o setor privado está pronto para garantir a retomada já no segundo semestre e um bom ritmo de crescimento no ano 2000.

Querem, mais do que isso, desenvolvimento sustentado por muitos anos? Bem, aí é mais difícil. Requer ação firme do governo e de sua base parlamentar para aprovar reformas que aliviem o setor privado do excesso de tributos e encargos trabalhistas, assim como aliviem o déficit previdenciário do governo.

Difícil, mas não impossível, sobretudo porque os projetos de reforma estão prontos, muitos já tramitando no Congresso, de modo que basta competência política e administrativa para implementá-los.

Desenvolvimentismo será isso: um governo que cria as condições institucionais para uma sólida expansão econômica liderada pelo setor privado. Querem um exemplo? A economia americana.

O secretário do Tesouro, Robert Rubin, que está deixando o cargo, vem recebendo montanhas de elogios pelo longo período de crescimento dos Estados Unidos. Olhando bem as coisas, entretanto, verifica-se que a política monetária (juros, câmbio, força do dólar) não é atribuição do Tesouro, mas do Federal Reserve, o banco central.

Impostos e gastos, ou seja, o orçamento federal, que passou do déficit para o superávit, são de competência exclusiva do Congresso. Comércio externo e abertura da economia, isso também depende do Congresso.

Alguns críticos de Rubin dizem que ele foi bem-sucedido exatamente por isso: por não ter feito muita coisa e, sobretudo, nada que pudesse atrapalhar o funcionamento da economia. Na verdade, a função do secretário do Tesouro é mais política. No plano interno, trata-se de operar de modo que o Executivo e o Legislativo caminhem numa determinada direção – e, no caso, essa direção foi claramente a de criar condições institucionais para que o setor privado fizesse bem o seu serviço. No plano externo, conquista de espaço para a expansão da economia americana.

Ou seja, o verdadeiro desenvolvimentismo é o contrário do que muita gente pensa. Nada tem a ver com aquela velha idéia segundo a qual o país só cresce quando o governo gasta, ou diretamente em certas áreas – estradas, portos, energia – ou por meio do crédito barato oferecido pelos bancos oficiais para privilegiados setores privados.

Já vimos isso por aqui mais de uma vez. O resultado é um surto imediato de crescimento, seguido de uma longa crise fiscal. Querem exem-



plos? O governo Juscelino Kubitschek, cuja imagem é tão atraente para o presidente Fernando Henrique Cardoso. Ou o milagre econômico dos anos 70, aliás propiciado pelo rigoroso ajuste fiscal feito no governo Castelo Branco (1964-67), depois desfeito.

É verdade que gastos públicos são importantes em períodos de depressão, quando não há crédito para o setor privado. E, mesmo assim, é necessário que o gasto públi-

co seja adequadamente financiado.

Não é o caso do Brasil no momento. O obstáculo ao crescimento é o desequilíbrio estrutural do setor público. Para cobrir seus déficits crescentes, o governo brasileiro vem tomando recursos da economia privada via impostos e empréstimos de juros altíssimos. Além disso, quanto maior o déficit, maior o risco de quem toma reais e, portanto, maior a taxa de juros exigida pelo tomador, nacional ou estrangeiro. Ou seja, o risco Brasil, que eleva os juros locais, é um risco do setor público, não do privado.

Assim, a equação do desenvolvimento neste momento é óbvia: quanto menor o déficit do governo, menores os juros e mais recursos serão liberados para o setor privado investir.

O equilíbrio das contas públicas nos próximos

meses está garantido porque é condição do acordo com o Fundo Monetário Internacional. Em um momento em que o fantasma da crise internacional ainda assombra, nem o mais insano dos governos, talvez nem mesmo Itamar Franco, pensaria em abandonar o acordo.

Por isso dizíamos que já há condições para crescimento neste e no próximo ano. Com a inflação perto de zero de novo e com as contas públi-

Desenvolvimento não se dá quando o governo gasta sem afetar para o controle dos gastos públicos

cas equilibradas, ainda que em caráter emergencial, as taxas de juros vão cair cada vez mais e a economia ganha fôlego.

Mas, para que não seja uma corrida de 100 metros, o

governo FH precisa aproveitar o momento e avançar na mesma direção: mais privatizações, mais reformas, mais economia aberta.

Mas, sobretudo – como mostra o estudo do economista Raul Velloso comentado em matéria de Ribamar Oliveira publicada ontem no caderno *Economia & Negócios do Estado* –, muito mais austeridade nos gastos do governo.

Desenvolvimentismo não é torrar dinheiro público. O nome disso é populismo. Termina mal, na economia e na política.